

A imagem da mulher na ficção literária antinapoleónica

Maria Emília da Câmara Stone (Universidade Nova de Lisboa)

Resum /Resumen /Abstract

A través de relats i records de l'època, sabem de la presència femenina en las lluites van acompanyar a l'ocupación napoleònica de Portugal: algunes eren patriotes, d'altres favorables al bàndol afrancesat, i moltes van pagar amb les seves vides seu heroisme. No obstant això, poques fonts historiogràfiques es refereixen a elles. Així, aquest treball intenta recuperar la imatge d'algunes d'aquestes dones registrades en les fonts literàries, mostrant com la història i la literatura són complementàries.

A través de relatos y memorias de la época, conocemos la presencia femenina en las luchas que siguieron a la ocupación napoleónica de Portugal: algunas eran patriotas, otras se acercaron a posturas afrancesadas, y muchas pagaron con sus vidas su heroísmo. Sin embargo, poco fuentes historiográficas se refieren a ellas. Así, este trabajo intenta recuperar la imagen de algunas de estas mujeres registradas en las fuentes literarias, mostrando como la historia y la literatura son complementarias.

Through narratives and memories of the time, there is known of the existence of many female presences in anti Napoleonic struggles in Portugal: some were patriots, others have become Frenchified; many paid with their lives for their heroism. But a few historiographical sources refer to them. Therefore the present work attempts to retrieve the image of some women in literary sources, known how History and Literature are complementary.

Paraules clau /Palabras clave /Key Words

Dones, Memòries, Història, Literatura, Invasions franceses
Mujeres, Momorias, Historia, Literatura, Invasiones francesas
Women, Memory, History, Literature, French invasions



25

Legenda para as gravuras:

A imagem da mulher na ficção literária antinapoleónica:
Folhas de rosto e capa das novelas históricas que foram objecto do artigo.
(Cópia das obras existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa)

Nota: As gravuras podem ser utilizadas de acordo com critério dos coordenadores da publicação podendo, portanto, ser diminuídas no tamanho, separadas, e incluídas onde parecer mais oportuno.

A escolha do tema

Ainda antes de justificar a escolha do tema, importa recordar muito brevemente o contexto histórico vivido na época.

Portugal sofreu três invasões francesas entre 1807 e 1811: a primeira, conduzida por Junot, decorreu de Novembro de 1807 a Setembro de 1808; a segunda, comandada por Soult, durou de Março de 1809 a Maio do mesmo ano; a terceira, chefiada por Massena, prolongou-se de Junho de 1810 a Março de 1811.

Se bem que a população começasse por tolerar o invasor em cumprimento da

determinação deixada pelo Príncipe Regente D. João na hora de embarcar para o Brasil, o levantamento nacional contra o domínio napoleónico teve logo início em Junho de 1808, seguindo o exemplo espanhol de "dos de mayo" em Madrid, magistralmente romanceado por Benito Pérez Galdós, e para sempre imortalizado nas telas de Francisco Goya. Em Portugal, do Minho e de Trás-os-Montes onde se desencadearam as primeiras sublevações, o movimento foi-se estendendo a todo o território.

E embora vários escritos da época deixem adivinhar forte presença feminina, designadamente dos meios populares, na luta contra os ocupantes, assim como em "Memórias" deixadas por militares gauleses (Beauchamp, Guingret, Illens, Naylies, entre outros) se encontrem elogios à valentia e patriotismo das mulheres portuguesas, elas ficaram ausentes do relato histórico, ocultas em turbas difusas e anónimas. Daqui, resultou impossível o verdadeiro conhecimento das suas identidades e das acções individuais que praticaram.

Questão que fica em aberto – porque é que só Malheiro Dias, já na alvorada de Novecentos, deixou registados actos de abnegação feminina, certamente inspirados em testemunhos de oficiais napoleónicos que combateram na Península?... Repare-se que não deu nome nem à mulher do povo nem à fidalga, querendo assim simbolizar nelas todas as heroínas que intervieram e morreram na luta anti-francesa.

Por isso, o objectivo do presente trabalho é tentar encontrar a imagem dessas heroínas silenciadas, em obras literárias que tenham versado a Guerra Peninsular.

Como se sabe, hoje é pacificamente aceite que a História e a ficção literária podem articular-se em complementaridade. Sem esquecer que a novela histórica não é uma obra historiográfica, ela pode, contudo, estar igualmente bem documentada. Permitindo, por vezes, fazer entender melhor a sociedade, os costumes e as mentalidades de uma determinada época do que muitos manuais de História.

26

Por maioria de razão, a justaposição de fontes literárias e fontes históricas pode ser de grande utilidade à História das Mulheres, dado que até muito tarde elas ficaram excluídas do registo dos factos.

Romances e romancistas das invasões francesas

As invasões napoleónicas em Portugal, nomeadamente a de Junot e a de Soult, constituíram tema de vários romances históricos. Que se conheça, terão sido uns oito ou nove, todos assinados por homens – o que significa formarem um *corpus* onde as personagens femininas foram imaginadas pelo olhar masculino.

No espaço desta comunicação, seria incomportável estudá-los todos. Assim, a análise recairá sobre aqueles que se afiguraram mais representativos do objecto proposto.

Seguindo a ordem cronológica de publicação, há que referir primeiro *O Sargento-Mor de Vilar* escrito por Arnaldo Gama (1828-1869) em 1863, conhecendo várias reedições. O autor nasceu em 1828, portanto muito próximo dos acontecimentos, o que lhe facilitou, certamente, conhecer e ouvir testemunhas presenciais dos mesmos.

"*O Sargento-Mor* é uma história dialogada, explicou o próprio Gama; o seu tema principal é a história da segunda invasão francesa ao Norte, vista por intermédio da correspondência oficial e dos escritos contemporâneos. Os pontos principais que versa são pois a descrição da anarquia em Braga e a do terrível desastre da ponte das barcas, no Porto" (cf. Baião, 1938: 3). De facto, A. Gama ficou conhecido como grande recriador de movimentações colectivas.

Em segundo lugar, mencione-se Pinheiro Chagas (1842-1895) que, em 1872, publicou *Os Guerrilheiros da Morte*. À época, a obra foi um memorável êxito editorial – conheceu quatro edições em menos de doze meses. A quinta acabou de sair no ano passado para comemorar o II centenário da Guerra Peninsular. O autor foi, simultaneamente, romancista e historiador, com mérito reconhecido em ambas as áreas.

Ao iniciar-se o século XX, mais precisamente em 1907, Carlos Malheiro Dias (1875-1941), ficcionista e jornalista em Portugal e no Brasil, assinou *A Vencida*, o primeiro texto de uma colectânea de contos que deu o título ao volume. Os literatos costumam realçar a empatia deste autor pelas personagens femininas

Em segundo lugar, mencione-se Pinheiro Chagas (1842-1895) que, em 1872, publicou *Os Guerrilheiros da Morte*. À época, a obra foi um memorável êxito editorial – conheceu quatro edições em menos de doze meses. A quinta acabou de sair no ano passado para comemorar o II centenário da Guerra Peninsular. O autor foi, simultaneamente, romancista e historiador, com mérito reconhecido em ambas as áreas.

Ao iniciar-se o século XX, mais precisamente em 1907, Carlos Malheiro Dias (1875-1941), ficcionista e jornalista em Portugal e no Brasil, assinou *A Vencida*, o primeiro texto de uma colectânea de contos que deu o título ao volume. Os literatos costumam realçar a empatia deste autor pelas personagens femininas.



As personagens femininas

Efectivamente, embora sendo a mesma conjuntura histórica a escolhida pelos quatro romancistas, contudo eles viveram e escreveram em datas muito diferentes. Assim, a abordagem que se afigurou mais lógica foi a de elencar as personagens centrais femininas de acordo, mais uma vez, com a cronologia dos autores e respectivas obras. Entendeu-se ser esta a melhor forma de tentar determinar se o arquétipo feminino se manteve ou se evoluiu no tempo.

Como já se disse, no título de Arnaldo Gama datado de 1863, a acção desenrola-se durante a incursão de Soult na província do Minho. A principal e quase única figura de mulher, não pela sua atitude que é completamente passiva, mas porque protagoniza o imaginário de heroína romântica, é Camila de Vilalobos, filha do Sargento-mor de Vilar, abastado, mas plebeu. Ela tem 18 anos e está enamorada de Luís Vasques, filho de Vasco Mendes, fidalgo do solar de Encourados. Ele parte incorporado no exército anglo-luso para combater os franceses. Enquanto Camila, "um anjo de doçura que inspira heroicidade ao homem" (Gama, 1885: 57), se mantém resguardada de todos os perigos e vigiada pelas criadas que entram em histerismo colectivo mal presentem o inimigo mesmo à distância. A jovem limita-se a esperar discreta e pacientemente o regresso do noivo, porque "O casamento é para a mulher, que ama, o ponto culminante da felicidade" (Gama, 1885: 96), segundo a opinião de Arnaldo Gama.

Durante sete anos desconhece-se o paradeiro de Luís; chega a correr a notícia da sua morte. É, pois, altura do anti-herói entrar em cena. Brás de Paiva, morgado da Barca, há muito que quer casar com Camila, chegando a ameaçá-la com a destituição do Sargento-mor. A filha está pronta a sacrificar-se pelo pai, unindo-se ao vilão. Eis senão quando, Luís regressa são e salvo! A pureza, a doçura, a bondade e, até, a abnegação da heroína que estava prestes a consumir-se, recompensam-na. Apesar da oposição inicial do fidalgo de Encourados, pai do noivo, Luís e Camila casam-se, quebrando barreiras sociais até então ainda intransponíveis.

O enredo de *Os Guerrilheiros da Morte* desenvolve-se durante as duas primeiras invasões e tem como cenário inicial a cidade de Évora, acabando tragicamente no desastre da ponte das barcas, no Porto, onde morreram afogadas centenas de pessoas.

Madalena, a personagem criada por Pinheiro Chagas em 1872, distancia-se do ideal feminino personificado por Camila. A filha dos condes de Vila Velha desde criança se mostrara *coquette* e, em adulta, continua a gostar muito de agradar ao sexo oposto. O herói masculino, Jaime Cordeiro de Altavila, filho da aia da condessa, desde menino companheiro de brincadeiras de Madalena, sonha desposá-la, apesar de ela lhe devotar um simples afecto de irmã. Aliás, numa lógica de Antigo Regime, não está destinada ao casamento, muito menos com o filho da camareira da mãe. Os senhores de Vila Velha só têm dote para casar nobremente a filha mais velha. Madalena, a mais nova, entra para o convento de Évora. Faz o noviciado e professa, mas o seu espírito insubmisso fá-la aproveitar a entrada das tropas de Napoleão na cidade para fugir com um jovem oficial francês, Eugénio de Seigneurens.

Quando as divisões de Junot saem de Portugal, em Setembro de 1808, Madalena embarca com Eugénio para França. No ano seguinte, regressam ambos com o exército de Soult. Porém, a sorte parece querer castigar Madalena pela sua rebeldia e comportamento antipatriótico. Em 1809, na confusão gerada pelo desmoronamento da ponte das barcas que unia as duas margens do rio Douro, Madalena e Eugénio perdem-se um do outro. E, ironia do destino!... é Jaime, que entretanto rumara ao Norte do país à frente de uma guerrilha contra os ocupantes, quem encontra o cadáver idolatrado. Naquele momento trágico e extremo, apercebe-se que "não a amara; amara a companheira da sua infância, tímida, casta, graciosa, não aquela amazona desenvolta, enérgica, atrevida, que reivindicava como uma glória o seu pecaminoso amor" (Chagas, 2006: 198). Estas palavras colocadas por Chagas na boca do herói guerrilheiro dão bem a dimensão do que para os cânones da época eram o modelo e o antimodelo femininos. Jaime idealizara, em Madalena, o primeiro, nunca o segundo.

De todos os textos aqui referidos e de outros consultados, conhece-se apenas um único que aborda actos de abnegação feminina contra a presença estrangeira em solo nacional. Trata-se do conto *A Vencida* escrito por Malheiro Dias, em 1907. O drama ocorre no início da incursão de Soult. No dia 10 de Março de 1809, quando o comandante de esquadrão Saint-Chamans e os seus homens acabam de atravessar o rio Minho para entrar em Portugal, vêem uma mulher pequenina e morena que os chama enquanto vai caminhando à sua frente. Obviamente, seguem-na encantados!... De repente, à entrada de um pinhal, ela pára e acena os braços. A resposta é uma saraivada de balas, em cima do esquadrão gaulês, enviada por uma guerrilha de campónios minhotos embuçados no meio das árvores. Refeitos da surpresa, os franceses respondem e a primeira vítima é, precisamente, aquela "que nos levava intrepidamente para a morte

atrás do seu sorriso" (Dias, 1907: 17), reconhece Saint-Chamans. E acrescenta: "Foi assim que no dia 10 de Março travei conhecimento com a mulher portuguesa" (Dias, 1907: 17).

Para além deste sacrifício extremo da mulher do povo, o comandante do esquadrão vai levar de Portugal outra recordação – a da fidalga do paço de Verim. O patriotismo manifestado por ela conta-se em poucas palavras.

Saint-Chamans, para aboletar a tropa, apodera-se de uma casa solarenga pertencente a uma família da nobreza de província. Situa-se em Verim, freguesia da margem esquerda do rio Cávado, no distrito de Braga. No recontro, morrem alguns dos residentes do solar, assim como franceses. A fidalga de Verim simula, então, uma cedência face ao ocupante que lhe vai permitir uma desforra friamente calculada. De dia trata bem os invasores, fornece-lhes mantimentos, encanta-os com o seu sorriso. A soldadesca até já lhe chama *la capitaine*. Porém, de noite, prepara porfiadamente a vingança. Com a ajuda da população local, foi armadilhando o subterrâneo do paço de Verim com dez barricas de pólvora. Entretanto, põe a salvo o velho pai, os sobrinhos, as criadas que com ela viviam. Finalmente, os franceses surpreendem a cilada onde iriam cair e com eles a heróica morgada que, vendo-se descoberta, se suicida para não cair com vida nas mãos do inimigo.

Resta apresentar o romance escrito na actualidade por Álvaro Guerra, publicado em 1991, com o título *Razões de Coração*. Desta vez, o cenário é a vila de Mafra situada a pouca distância de Lisboa, durante a ocupação de Junot (1807-1808). Se, por um lado, não se encontra nenhuma mulher empenhada na luta antinapoleónica, como se viu no conto anterior; por outro, há uma extensa galeria feminina inexistente quer em Arnaldo Gama quer em Pinheiro Chagas. Ou seja, as figuras de mulheres são aqui tratadas com uma visibilidade igual à dos seus congéneres masculinos. De diferentes condições sociais, de aristocratas a mulheres do povo, passando por burguesas, cada uma é identificada e com desempenho social relevante no respectivo meio.

Saliente-se, de entre elas, três exemplos representativos da conjuntura histórica e do que acaba de afirmar-se:

-Mariana Maldonado é a heroína do romance. Depois de educada, em Lisboa, por uma tia-madrinha fidalga, regressa a Mafra para residir com um irmão, lavrador abastado. Se bem que defensora da razão esclarecida, em momentos de aperto tem recaídas em velhas crenças. Chega a ir consultar uma bruxa. Casa, à revelia de todos, com o capitão de dragões Philipe de Villepin. Vai já grávida deste para o casamento. No meio tacanho de província, é considerada "a traidora" que se uniu ao "herege". Morre de parto prematuro aos sete meses, ao saber da morte de Philipe, algures entre a Roliça e o Vimeiro.

-D. Beatriz de Almeida descende em linha directa de Afonso de Albuquerque¹ Tem três filhos que retratam bem a sociedade portuguesa do tempo: o mais velho é do partido francês; o do meio comanda guerrilhas entre o Douro e Trás-os-Montes; o mais novo, depois de incorporado na Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão, deserta e junta-se ao exército anglo-luso. D. Beatriz, a fidalga do Gradil, cuja predilecção vai para

¹ Afonso de Albuquerque (1462-1515) foi 2.º vice-rei da Índia desde 1509 até à morte. Sonhou com um vasto Império português no Oriente e com esse objectivo conquistou Ormuz (1507), Goa (1509), Malaca (1511). Morreu em Goa, em 1515.



o filho guerrilheiro, não se conforma em ver o seu morgado a servir o inimigo, nem tão pouco aceita a serenidade diplomática do marido face aos invasores. Álvaro Guerra define-a como "nacionalista ardorosa" (Guerra, 1991: 293), apesar de nunca se ter manifestado fora do espaço doméstico.

-Maria Cegonha (repare-se no plebeísmo do apelido) despejava bacios no palácio de Mafra até à partida da Família Real para o Brasil. Entretanto enviuvava e acaba por acompanhar um sargento galego dos Dragões de la Reina quando estes decidem abandonar os franceses e regressar a Espanha. Na caminhada de Mafra à Galiza, é considerada pelos superiores do futuro marido como a madrinha do regimento. Maria Cegonha e Jesus Maria estabelecem-se em Tuy onde se casam e continuam a vida de camponeses a que a guerra viera quebrar a rotina.

Em síntese, três personalidades femininas bem reais ou, melhor dizendo, bem humanas e não meros estereótipos: Mariana, a "jacobina", cujo coração esteve acima da razão; D. Beatriz, a patriota, mãe dividida entre três filhos de convicções políticas antagónicas; Maria Cegonha, a saloia de Mafra, que foi afinal quem melhor arrumou a sua vidinha.

Conclusão

Para terminar, apenas três ou quatro reflexões. Os romances escritos no século XIX preocuparam-se em retratar o modelo e o antimodelo femininos consagrados pela sociedade da época: Camila, a mulher exemplar, é apagada e submissa, pronta ao sacrifício de casar com o vilão por amor filial; Madalena, a transgressora, é a tal "amazona desenvolta, enérgica, atrevida" como lhe chamou o antigo apaixonado, ao descobrir que não era essa a mulher com quem sonhara.

Questão que fica em aberto – porque é que só Malheiro Dias, já na alvorada de Novecentos, deixou registados actos de abnegação feminina, certamente inspirados em testemunhos de oficiais napoleónicos que combateram na Península?... Repare-se que não deu nome nem à mulher do povo nem à fidalga, querendo assim simbolizar nelas todas as heroínas que intervieram e morreram na luta anti-francesa.

A grande novidade trazida por Álvaro Guerra na última década do Século XX foi o igual protagonismo e a igual visibilidade dados a ambos os sexos. O que suscita, desde logo, uma última consideração. Sendo as fontes literárias de grande utilidade para o conhecimento da época em que decorre a acção, mais ainda contribuem para o entendimento da mentalidade dominante do tempo a que pertence o autor e em que escreve a sua obra.

Bibliografia

AZEREDO, Carlos de; *As Populações a Norte do Douro e os Franceses em 1808 e 1809*, Porto, Museu Militar do Porto, 1984.

BAIÃO, António; *Como Arnaldo Gama escreveu o romance histórico "O Sargento-mor de Vilar". Confissão inédita do próprio autor*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1938.

BEAUCHAMP, Alph. De; *Histoire de la Guerre d' Espagne et de Portugal pendant des années 1807 à 1813*, II vol., Paris, Germain Mathiot, 1819.

CHAGAS, Manuel Pinheiro; *Os Guerrilheiros da Morte*, Lisboa, Esfera do Caos, 2006, 1.ª ed. 1872.

DIAS, Carlos Malheiro; *A Vencida*, Coimbra, França Amado Editor, 1907.

GAMA, Arnaldo; *O Sargento-mor de Vilar (Episódios da invasão dos franceses em 1809)*, 2 vols., Porto, Livraria Civilização, 1885, 1.ª ed. 1863.

GUERRA, Álvaro; *Razões de Coração. Romance de paixões acontecidas em Mafra ocupada pelos franceses no ano de 1808*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991.

GUINGRET, M.; *Relation Historique et Militaire de la Campagne de Portugal, sous le Maréchal Masséna, Prince d' Essling*, Limoges, Chez Bargeas, 1817.

ILLENS, A.; *Souvenirs d' un Militaire des Armées Françaises dites de Portugal*, Paris, Anselin et Pochard, 1817.

NAYLIES, M. de; *Mémoires sur la Guerre d' Espagne, pendant les années 1808, 1809, 1810 et 1811*, Paris, Chez Magimel, Anselin et Pochard, 1827.



